



A escrita de si e a prática da joalheria contemporânea *The self writing and the practice of contemporary jewelry*

PASSOS, Ana C. B. M.; Doutora em Educação, Arte e História da Cultura; Universidade Presbiteriana Mackenzie; Brasil
ana@anapassos.com

Palavras-chave: joalheria contemporânea; escrita de si; identidade.

A proposta de uma escrita autobiográfica pode contribuir para a construção da relevância do trabalho dos artistas joalheiros. Narrativa, memória e identidade são aspectos que passam a ser explorados no fazer-pensar inerente à prática joalheira. O tempo lento da escrita propicia a reflexão. A documentação do processo de trabalho pode ser uma importante ferramenta de desenvolvimento. O registro das atividades artísticas auxilia a construção da memória. Trazer para si a responsabilidade da autoria de textos permite um maior controle sobre sua identidade e seu lugar no circuito comunicacional da joia. A partir dos conceitos de escrita de si em Michel Foucault e de arquivamento em Jacques Derrida, bem como do caso exemplar do arquivo de artista de Reny Golcman buscar-se-á uma compreensão da importância dessas atividades para a produção e apresentação de artistas joalheiros na contemporaneidade latino-americana.

Keywords: contemporary jewelry; self writing; identity.

The proposal of an autobiographical writing can contribute to the construction of the relevance of jewelry artists' body of work. Narrative, memory, and identity are aspects that start to be explored in the making-thinking inherent to the jewelry practice. The slow time of writing promotes reflection. Documenting the work process can be an important tool for development. The register of artistic activities helps in the construction of memory. Bringing to oneself the responsibility for the authorship of texts allows greater control over one's own identity and the placement in the communicational circuit of jewelry. Based on the concepts of self writing in Michel Foucault and archiving in Jacques Derrida, as well as the exemplary case of Reny Golcman's artist archive, an attempt will be made to understand the importance of these activities for the production and presentation of jewelry artists in Latin American contemporaneity.

1 Autobiografia de um joalheiro

A cena da joalheria artística latino-americana se apresenta cada vez mais estimulante. Uma série de eventos e concursos nacionais e internacionais nos últimos 5 anos tem feito com que artistas joalheiros produzam materiais escritos que acompanhem seus trabalhos. Essa produção exige esforços de reflexão sobre sua prática, seu trabalho e o lugar dele no mundo. Faz-se necessária a construção de discursos cada vez mais claros, sensíveis e contundente.

Aqui há a confluência de duas questões. O quanto o trabalho artístico pode se alimentar de uma reflexão sobre o próprio processo de criação? Até que ponto é possível delinear uma narrativa que investiga constantemente o sentido do próprio trabalho para torná-lo cada vez mais relevante?

Mergulhados em nossa exigente e veloz temporalidade, há dificuldades para elaborar um discurso sobre a experiência artística e seus resultados. Entretanto, quem melhor do que o próprio artista para apresentá-los ao mundo de forma a torná-los compreensíveis em sua relevância?

O objetivo desse artigo é apresentar a todos aqueles que produzem joias, em suas mais variadas expressões, o papel da coleção de joias, do arquivo pessoal e da possibilidade do exercício autobiográfico como instrumentos para elaborar uma escrita de si, colocando-se na

centralidade da própria produção e trajetória profissional, como também dando-se a conhecer ao outro em seus próprios termos.

2 A joia como uma escrita de si

As narrativas em torno da posse da joia sugerem que sua capacidade evocativa se assemelha a da *madeleine* proustiana. Reminiscências afloram quando se abre uma caixa de joias. Há que se reconhecer os aspectos emocionais subjacentes ao lidar com elas que são arte no nível mais pessoal, dispostas sobre o corpo, criando interações entre as pessoas, revelando identidades e crenças. Elas ocupam a fronteira pouco nítida entre as artes puras e aplicadas e, mais importante, elas são portadoras de afetos, no sentido espinosiano.

Possuir joias revela uma preocupação com o futuro e com a preservação da memória. Elas operam como um arquivo pessoal e nos ajudam a criar uma narrativa de nossas experiências, construindo marcos, memórias a serem compartilhadas com as gerações futuras. Com elas nos organizamos e nos situamos. Elas nos auxiliam na construção de nossa identidade, em uma espécie de 'prova de mim' (McKemmish, 2013). Por um lado, as joias de família, e até as joias adquiridas de outras famílias, nos ajudam no processo de singularização. Elas nos diferenciam de todas as outras pessoas. Por outro lado, há vários tipos de joias que facilitam nossa identificação com os diversos grupos a que pertencemos.

A construção de um acervo pessoal de joias – aqui no caso do próprio artista joalheiro – guarda alguma semelhança com as técnicas pessoais de subjetivação da escrita de si (Foucault, 2008). Já as coleções, especialmente aquelas doadas a instituições de memória, lembram o exercício de construção de uma pessoa pública através da monumentalização e posterior documentação da própria memória (Le Goff, 2013), ou ao menos de uma parte dela.

Na contemporaneidade, isso ganha novos contornos, quando produzimos reflexões sobre nós mesmos, com nossas intenções e projeções, para as redes sociais. Subvertemos formas narrativas em nome da instantaneidade e da virtualidade (Heymann, 2012). Ao arquivarmos a nós mesmos publicamente, estamos abertos ao escrutínio de todos.

Se somarmos a isso, o que Jacques Derrida chamou de mal de arquivo, parece que estamos jogando publicamente com a pulsão de morte, que não deixa arquivo. Haja vista os suicídios virtuais, prática que faz com que indivíduos apaguem suas contas nas redes sociais, para começar uma vida nova. É difícil imaginar que ocorra um apagamento total, já que as publicações podem estar arquivadas em outra parte. O medo da destruição gera a necessidade da salvaguarda do armazenamento nas nuvens. O arquivo, que é o lugar da autoridade, onde se situa e se legisla sobre o conhecimento, é o lugar da interpretação e também da escritura:

[...] o arquivo, como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável *passado*, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que, sem o arquivo, acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria acontecido. Não, a estrutura técnica do arquivo *arquivante* determina também a estrutura do conteúdo *arquivável* em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento. É também nossa experiência política dos meios chamados de informação. (Derrida, 2001, p. 29)

A volatilidade dos novos arquivos, somada a algum desejo de que eles desapareçam, faz das joias uma espécie de arquivo seguro da escrita de si que, ao mesmo tempo em que porta as memórias, é capaz de evocá-las e, como as trazemos próximas ao corpo, ainda as comunicam. Faz sentido guardar exemplares de nossas criações, colecionar trabalhos de nossos pares, registrar meticulosamente nosso trabalho, com o intuito de construir o futuro.

3 Um caso exemplar de escrita de si: os arquivos de Reny Golcman

A primeira joia em ouro realizada pela artista joalheira Reny Golcman foi derretida pela cliente pouco tempo depois. Ao saber disso, ela passou a registrar dedicadamente todos os seus trabalhos. A possibilidade de outras perdas lhe era quase insuportável. A peça fundida está lá

na primeira página do primeiro caderno, quase como um lembrete de que tudo pode acontecer com seu trabalho depois que ele ganha o mundo. Um gesto insensível de outra pessoa acabou se convertendo numa acertada decisão sua. Para cada joia ou objeto, anota nos cadernos um pequeno esboço da forma, sua tipologia, os metais, gemas e outros materiais utilizados – algumas vezes com peso, a data de conclusão, em que exposições e publicações foi exibida, quem é o proprietário da peça. Todas as joias são numeradas.

Em seu caso, foi o trauma da destruição de uma de suas primeiras peças que deflagrou a necessidade de que todas as demais fossem registradas em seus cadernos de anotações, o que permite ordenar sua produção artística com precisão.

Além dos registros em cadernos, ela sempre contou com a ajuda do marido, que fotografou praticamente todas as peças ao término do trabalho, primeiro em slides fotográficos e mais tarde com câmera digital, em mais um esforço de registro. Tudo meticulosamente arquivado. Cada slide com o número da peça marcado a lápis. Os arquivos no computador organizados.

Os registros nos cadernos e nas fotos parecem revelar algo mais. Há o desejo de criar uma narrativa de suas experiências para poder saboreá-las com mais vagar. Assim, vão construindo marcos, memórias a serem compartilhadas. Algo sempre permanecerá de cada joia, mesmo que ela ganhe o mundo.

Há ainda os álbuns de recortes, onde todos os eventos especiais de sua carreira estão representados. Os carinhosamente apelidados “Álbuns da Modéstia” reúnem convites de exposições, catálogos, matérias de jornais e revistas, editoriais de moda, entrevistas e fotos dos períodos 1968-74, 1975-1992 e 1993-2021. Esse material possibilita recontar sua trajetória com detalhes e revelar para ela própria o quanto já estava validada por seus pares e pelo público lá atrás. Eles viabilizam ainda estender um fio condutor para o reconhecimento do lugar da joalheria artística na São Paulo dos últimos 50 anos.

A dedicação em guardar e conservar esses materiais, somado ao fato de que Reny pertence a um grupo de verdadeiros pioneiros da joalheria artística brasileira, faz com que os álbuns sejam um importante registro de parte da história da nossa joalheria.

Há ainda objetos, matérias-primas, ferramentas e biblioteca presentes em seu espaço de trabalho. Eles precisam do silêncio para ser ouvidos. O ateliê, enquanto espaço da materialidade, revela muito das dimensões materiais da memória. Nele, onde a memória organiza o passado e os projetos organizam o futuro, convivem lado a lado desenhos de peças realizadas e peças apenas esboçadas, uma acumulação de objetos recolhidos nas mais variadas situações, peças realizadas em diferentes épocas, pequenas coleções de conchas, madeiras, caixinhas, colares étnicos. Um caos aparente acaba revelando uma grande ordem interior. Não existe nenhuma hierarquia em torno de valor intrínseco ou valor afetivo. Tudo é valioso, tudo faz parte de sua identidade artística. Ao contrário dos “álbuns da modéstia” que primam pela ordem cronológica, os objetos não apresentam qualquer ordenação visível, porém cada um deles guarda uma lembrança raras vezes nostálgica, frequentemente vivaz. Através deles podemos entender mais claramente sua trajetória de vida e sua carreira.

Os arquivos da artista estão compostos de três cadernos de anotações, três “álbuns da modéstia”, seis caixas contendo 1800 slides fotográficos, um espaço repleto de ferramentas, matérias-primas, objetos os mais diversos, publicações especializadas, muitas lembranças e um enorme sentido de urgência em registrá-las.

A acumulação de materiais diversos não é suficiente para garantir que um arquivo resulte em material para uma escrita de si. É necessário enfrentar as dificuldades inerentes ao exercício do processamento de informações que exige lidar com memórias, narrativas e identidade pessoal e artística.

Um projeto deste tipo combina afetos e expectativas. O que está por trás da eleição de cada objeto colecionado, cada notícia de jornal recortada, cada foto realizada ao longo dos anos? Sem dúvida, a intencionalidade desses gestos – guardar, colecionar ou até mesmo acumular – tem uma relação direta com um desejo de perpetuação, de validação ou até mesmo de nostalgia. Camadas de significação se sobrepõem em cada momento de decisão de guardar ou descartar e em cada momento de seleção de disponibilizar ou esconder. Havia ali uma vontade

a ser respeitada de eternidade e de exposição, combinada a uma necessidade de entendimento da época e das experiências de uma geração de artistas joalheiros.

Nas eleições feitas durante o trabalho que resultou na publicação do livro *As joias de Reny Golcman* (Passos; Terra, 2015), outros significados ainda se sobreporiam. Havia que se respeitar as razões e intencionalidades passadas, porém era essencial atender às necessidades daquele momento.

Ao cotejar toda a informação obtida – a partir da leitura de documentos, entrevistas com terceiros, longas conversas com a artista e muitas horas de observação –, ficava claro que somos múltiplos. O olhar do outro na construção da própria identidade, da narrativa de si é desafiador e pode se tornar assustador também. A delicadeza precisa estar aliada ao rigor para que a ficção que é a vida seja cuidadosamente inventada. É preciso respeitar os tempos internos das pessoas para conseguir captar lembranças, conquistar confiança e elaborar sua escritura. É importante entender o papel do esquecimento, e do apagamento intencional, como libertação para construir a memória. É necessário ler objetos, espaços, gestos e imagens. Acima de tudo, é fundamental entender que a narrativa nascida de um trabalho como esse é capaz de criar ordens e significados, mas ela não pertence só a quem se abre para a experiência. Ela passa também a pertencer a quem está encarregado de sua elaboração. Essa narrativa, em última instância, deve atender às necessidades do presente, embora o que ela evoque resida em nossas reminiscências do passado.

O exercício curatorial em torno das joias exigiu grandes cuidados, visto que não envolvia apenas critérios técnicos e estéticos. Estávamos lidando com obras de uma artista sentimentalmente ligada à sua produção. Buscamos desvendar a lógica interna desse fazer-pensar e não nos deter nas paixões e no anedótico, embora reconheçamos que a subjetividade esteja presente em todas as eleições.

Oscilando entre a oralidade dos testemunhos, a materialidade dos objetos e a virtualidade das imagens, tecemos fios. Com o que nos foi ofertado por essas fontes, criamos paulatinamente a trama de uma narrativa, sempre tentando reconhecer a existência de múltiplas camadas de significação. Com alegria e surpresa, a artista se deu conta do longo e profícuo percurso durante as pesquisas para a realização desse livro: desde a primeira exposição individual até a conclusão da joia que ilustra a capa do livro. Esse entendimento nasce da própria construção narrativa. Aos 82 anos, ela estava longe de diminuir o ritmo. Ao contrário, seu foco atual, passados seis anos, continua sendo seu trabalho. Ela ainda tem muito a realizar. Criar continua sendo uma necessidade vital. Está mergulhada em sua arte e em ininterrupta negociação com a vida. Se criar é dar forma a algo novo, Reny Golcman pode ser considerada uma grande criadora.

Trata-se aqui da escrita de si e do outro, dos exercícios curatoriais envolvidos neste tipo de projeto, do papel do colecionismo, arquivos e registros pessoais na construção da memória, da importância da fotografia para o registro das artes e, principalmente, do reconhecimento de que uma narrativa é uma construção. Coube ao projeto dar ordem e sentido aos arquivos pessoais de uma artista, porém seu resultado é, acima de tudo, um exemplo de significação compartilhada, de como fazer esse mergulho e voltar com histórias para contar e imagens para revelar, sempre mais ou menos ficcionais, todo um universo para os que estão chegando agora, no ateliê e na academia.

Para terminar, uma interrogação. O desconforto de não se apoiar numa grande narrativa organizadora, questionando o presente obstinadamente é a única forma de ser contemporâneo (Agamben, 2009). A arte contemporânea coloca-se nesse espaço de busca onde absolutamente todas as opções estão em aberto, onde não há qualquer restrição, e coloca-se nesse tempo *kairós*, de pura oportunidade, muito adequado para entender o processo criativo. Isso resume a potência criadora da artista. Numa daquelas contradições tão humanas, também está presente nela uma necessidade visceral de monumentalizar sua experiência, num gesto absolutamente moderno. Haveria algo mais contemporâneo do que transitar entre a modernidade e a contemporaneidade, seja lá o que isso signifique?

4 O texto da escrita de si

Sempre que somos convidados a refletir coletivamente sobre joias contemporâneas, muitas vezes surge a questão do valor, mas todos sabemos que isso realmente significa examinar a formação do artista e a criação de um público. É possível explorar diferentes aspectos, considerando desde fontes de inspiração, passando pelo significado da joia para o criador e para o outro, o escopo do trabalho e o conjunto da obra.

É preciso nos olharmos como uma possível centralidade em nosso trabalho, revelando sentidos, intencionalidades e uma presumível relevância. Não se trata de limites, nacionalidade ou fronteiras. Trata-se de expandir nosso alcance, tendo em conta nossa materialidade, nossa temporalidade e acima de tudo nossa incrível diversidade. A joia é para ele, é para o outro. Não pode estar encerrada em si mesma, nas fantasias do autor ou trancada no ateliê, no cofre. Para entendermos o que é a joia, nessa perspectiva, devemos ter em mente a questão que sempre se repete: qual joia?

Existe a premissa inescapável de que todos tem uma ideia de joia, construída desde sempre, seja pela posse, pela ausência ou pela observação do mundo. Toda vez que ignoramos isso, perdemos a possibilidade de entrar em relação com o outro.

Colocar objetos ao redor do pescoço precede ou é pelo menos concomitante a todas as demais manifestações da nossa humanidade: linguagem, arte e religião. A joia está relacionada com nossa humanidade, laços e compromissos, desejos e medos. Ela trata de proposições, trocas e diálogos – ou seja, daquela palavra a que muitos reagem negativamente, por sua associação a alto custo e não a maravilhamento: a preciosidade.

Em todas as partes, um dos aspectos mais relevantes para a joalheria é a relação com o corpo. Nos últimos anos, essa relação se tornou mais complexa com o surgimento de questões não resolvidas nas áreas de gênero, raça, desigualdades sociais, migrações e, atualmente, até saúde pública.

Repetindo, a joalheria é um dos nossos gestos mais ancestrais e pode ser mais do que apenas isso. As joias podem ser ideias para colocar sobre o corpo, mas também, e mais importante, ideias a respeito do corpo. Podem estar no reino fantástico da performatividade e viajar pela terra da representação. Podem ser uma presença. São reais e tem uma aura.

Os movimentos sociais que eclodiram em todo o mundo nos últimos anos não nos permitem continuar evitando o contato com o que temos como humanamente comum e subjetivamente diverso. Sendo assim, a joia – mídia com a qual escolhemos trabalhar – aceita, ou melhor, requer que esses temas estejam presentes mesmo que de forma subjacente. A contemporaneidade exige consistência e coerência, mesmo que por um breve momento e apenas internamente ao fazer-pensar da joia.

Podemos descolonizar e decolonizar nossos sentidos e nossa mente, não necessariamente revisitando o passado ou reescrevendo-o, mas sim construindo o futuro. Trata-se de trazer para o centro e para a luz a nossa relação com o corpo, considerando aspectos históricos. É uma chamada para observar, compreender, testemunhar e estar vigilante. Para acolher e compreender que somos parte dos problemas e das soluções. Devemos trazer a presença e as ideias de todos os corpos para o centro da discussão, inscrevê-las no mundo, escrever sobre elas.

Há outro aspecto a ser destacado: a importância das ideias colocadas sobre o corpo. Cosmogonias, epistemologias e narrativas de origem podem ser trazidas para o discurso sobre a joia. Elas têm a ver com contar e recontar histórias. É preciso trabalhar com *poiesis*, aproveitando cada brecha que se apresenta para espanto e encantamento, mas sem boas intenções condescendentes.

O fascínio pela alteridade deve ser superado em nome do reconhecimento - mais uma vez a mesma ideia - da humanidade comum a todos nós e da presença de uma diversidade de subjetividades tão necessária e bem-vinda entre nós. Isso traz à baila o perigo de uma história única. Como ensinado por Chimamanda Ngozi Adichie (2019): 'mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna'.

É importante entender o solo, a terra e o lugar como pertencimento. Não como propriedades ou países, mas como o conceito de Mãe Terra, Gaia ou Pachamama. E, na medida que expandimos esse conceito, podemos até reavaliar nossa condição latino-americana, o que a joalheria artística vem realizando com competência. A herança e a ancestralidade, tanto em termos de existência pessoal como coletiva, podem ajudar-nos a ficar de pé com dignidade e a andar por aí com propriedade.

É preciso abordar as questões da contemporaneidade que afetam nosso trabalho e relações em nosso discurso. A escrita pode ser o tempo-espço de elaboração de uma reflexão simultaneamente mais ampla e mais profunda do fazer-pensar artístico. Através dela, é possível construir um discurso mais significativo e alcançar públicos maiores ao abordarmos a complexidade em vez de evitá-la. Mergulhemos na diversidade, nas inúmeras possibilidades que se apresentam a nós.

Vamos contrastar ideias e chegar a uma joia que é fetiche - em termos de encanto - um lugar onde materialidade e magia se encontram e se combinam para nos tornar mais próximos de quem devemos ser como indivíduos e como humanidade. Vamos nos cercar de coisas duradouras e significativas. Coisas que, mesmo quando destinadas a serem efêmeras, ficarão na memória.

O senso comum sempre apresenta as joias como inúteis, frívolas, às vezes caras, mas insignificantes. Sempre tentamos fazer as pessoas entenderem o quão profundo é o seu significado, mas a questão é: é relevante? Para quem? Vamos abraçar todas as possibilidades e transformar joias em pura vida e fruição, com toda a alegria e sofrimento envolvido. Reconheçamos as joias como testemunhos de afetos que surgem nos espaços entre pessoas e coisas, nos encontros de corpos, afetos e mundos em que experiências vão além das meras subjetividades individuais. Para tanto, escrevamos sobre nós mesmos, nossa experiência e, sobretudo, nossa joia.

5 Conclusão

Na contemporaneidade, a questão do valor da joia está intrinsecamente vinculada à questão de sua relevância, tanto para quem a realiza quando para quem se aproxima dela. A escrita de si permite ao artista joalheiro se reconhecer como criador e elaborar sobre o valor de seu trabalho. O exercício autobiográfico é capaz de inseri-lo em certa ancestralidade e recuperar o percurso de sua criação. A coleção de joias, sejam as peças ou sua imagem, pode ter o mesmo efeito e ainda permite que o artista volte a se debruçar sobre seu trabalho e apresentá-lo em diferentes circunstâncias. O arquivo de artista é uma ferramenta essencial para a construção de narrativas, memórias e identidade, não apenas pessoais como também coletivas.

Nos últimos 5 anos, eventos como as duas edições da Bienal Latinoamericana de Joyería Contemporánea, de Buenos Aires; as duas edições da Brazil Jewelry Week, de São Paulo; a Semana de la Joyería da Colômbia e as catorze edições do Atelier Mourão Portas Abertas, do Rio de Janeiro promoveram encontros da produção recente dos artistas joalheiros com o público, estabelecendo diálogos frutíferos. Esses grandes eventos também abrigaram apresentações e debates sobre a joia, o que potencializa a produção de conhecimento na região. É preciso reconhecer seu papel na formação de público para a sustentabilidade da joalheria contemporânea, que requer a figura do outro para se tornar visível e compreensível.

Além disso, a formação de grupos de estudo e de realização de exposições como Joyeros Argentinos (2008), Joya Brava Chile (2010) e, no Brasil, os Grupo Broca (2013), Grupo Occo (2015) e Grupo Orbe (2016) trazem a perspectiva da reflexão e trocas realizadas em coletividade, para uma construção ampliada de significados e conhecimento. Vale ressaltar que também há a possibilidade de certa polinização cruzada, de intercâmbio de saberes, como pode ser observado quando joalheiras brasileiras do Grupo Broca – Miriam Pappalardo e Renata Porto – atuaram como curadoras da exposição comemorativa dos 10 anos de Joya Brava Chile, em 2020.

Já a realização de concursos como o Fio, em suas duas edições promovido pela Galeria Alice Floriano e o Estúdio Escambo, de Nina Lima, são capazes de estimular a produção de joias. O desafio proposto de participar de um concurso, seja nacional ou internacional, costuma resultar em novas investigações e no mergulho profundo na própria identidade artística, na produção de joias e textos.

O tempo lento do observar, pensar, ler, escrever e trocar permite a construção de novos laços, formas de estar no mundo, estratégias de pertencimento que podem contribuir para uma produção artística cada vez mais pujante no país e na região.

Em todas essas instâncias, a necessidade da construção do texto escrito se faz presente. Ela é um dos alicerces para a construção de narrativas que dão significado ao trabalho, de memórias que nos permitem vislumbrar o percurso e as oportunidades futuras e de uma identidade que ensaja o dar-se a conhecer.

6 Referências

- Adichie, Chimamanda Ngozi. (2019) *O perigo da história única*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Agamben, Giorgio. (2009). O que é o contemporâneo? In: Agamben, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Argos. pp. 55-73.
- Derrida, Jacques. (2001) *Mal de arquivo*: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Foucault, Michel. (2006) A escrita de si. In: Foucault, Michel. *Ditos e escritos*. V. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense. p.145-162.
- Heymann, Luciana. (2012) Se arquivar: arquivos pessoais como escrita de si? In: Magalhães, Aline Monteiro; Bezerra, Rafael Zamorano. *Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional.
- Le Goff, Jacques. (2013) Monumento/Documento. In: Le Goff, Jacques. *História e memória*. São Paulo: UNICAMP. p.485-499.
- McKemmish, Sue. (2013) Provas de mim... novas considerações. In: Travancas, Isabel; Rouchou, Joëlle; Heymann, Luciana (Orgs.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV. p. 17-43.
- Passos, Ana; Terra, José. (2015). *As joias de Reny Golcman*. São Paulo: Ana C. B. M. Passos.